

JOSÉ CARDOSO PIRES — *O hóspede de Job* — Vol. de 254 págs.—Editora Arcádia — Lisboa, 1964.

Logrou este ano «O hóspede de Job» alcançar o prémio Camilo Castelo Branco. E logrou-o, como nem sempre acontece, por um mérito não tanto relativo (o melhor entre os romances dum ano) mas porque atesta na realidade uma presença muito viva nas letras portuguesas.

Se desde «Os Caminheiros», e passando pelo conto, pelo ensaio, pela novela e narrativa dramática, Cardoso Pires vai calçetando com mão cada vez mais dextra a sua estrada, «O hóspede de Job» afigura-se-nos como um marco de maturação acimentado com novos poderes de estruturação, de incidência, de flexivelmente firmes recursos de estilo e um marco de larga humanidade.

Romance engagé, comprometido no sentido duma lealdade aos homens que recria, duplamente manifestada pelo realismo onde se chapa um sol quotidiano de verdade, por um lado, e, por outro, pela atitude não fotograficamente objectiva mas rica de toda uma simbologia e problemática relativas às coordenadas morais do mundo que foca. Os per-

sonagens desenvolvem-se assim na ambivalência de particularismos e universalidade, simultâneamente indivíduos rasgando a custo a sua rota através da crosta dura do Alentejo, «numa terra de barro e areão que encarquilha ao sol» e elos-tipos de uma cadeia social. É apenas ao inserir-se nesta segunda dimensão que a obra alcança todo o seu significado; só por ela se podem valorativamente compreender os sorrisos que são «rasgão de navalhas», os olhos que ferem como «unhas de pedra» dum povo voluntariosamente altaneiro e tenaz, erguendo-se para além das garras da fome, da incultura, da repressão armada como o simbólico peneireiro sobrevoando um campo de exercícios militares — o campo de cultura da morte e submissão ao militarismo estrangeiro — «ave familiar que representa a majestade da força livre e a calma imensa da planície». Só perante a tomada de consciência da conjuntura dos vários elos, a «política», como murmuram à boca pequena os escriturários num tom de mistério e medo assistindo às atitudes dos camponeses, tem sentido o anacronismo dos sonhos eivados de resquícios dos tempos dos mouros e dos reis do velho Aníbal que parte da sua aldeia com João Portela, o moço em busca de trabalho em terras de mingua, o velho na miragem de amparo do Estado que lhe levava ao quartel o filho-soldado, único arrimo de anos cansados.

Lograda a esperança de trabalho, encaminham-se para Cercal Novo, «um clarim pousado à margem da charneca», «uma guerra entre muros». Mas a guerra saíra de seus muros, hasteava-se pelos caminhos que ambos pisavam em «granadas esventradas, montes de cobre torcido, cacos de aço e garotos numa roda viva gritando e che-

gando lume a esses pedaços de morte para lhes tirarem os restos de pólvora — despojos de explosão feitos brinquedo e tesouro heróico para vender como lembrança a miliciano, como sucata a ferro-velho.

Job, analfabeto, epiléptico, agastado de miséria e braveza, João Portela, é vítima apanhada de surpresa nos fogos reais a que preside Gallagher, oficial americano. Hóspede pobre da vida, empobrecido ainda pela amputação duma perna, ele se torna num momento a confluência dolorosamente luminosa dos diversos agentes de acção, resultado e teste da «hospedagem» que cada um lhe dá.

Enquanto Gallagher, paredes meias com Job, tece relatórios elogiosos do seu exercício de morte e dos soldados que com ele colaboraram, estes repudiam na pergunta preocupada e simples — «E ele escapará?» — a sua glória de oficiais da morte, e numa camaradagem de artesãos apegados ao ofício da vida arranjam da madeira mais leve e dura, da vitela mais fina e fazem-lhe uma muleta.

Manobrando esta «muleta indomada» com raiva e perseverança cansada mas firme, é João Portela quem agora conduz o velho no regresso a casa, numa tenacidade de ave ferida que quer ser peneireiro, e na porfia de vencer se irmana a quantos como ele buscam o pão, «a força livre e a calma imensa da planície».

O estilo alcança uma riqueza sóbria, incisiva, fluente, de narrador que jamais se esquece que o é, a estrutura apresenta uma arquitectura fácil e no entanto justa, comedida mesmo quando o romance se abre em fulgores quase surrealistas — nos sonhos de anestesia e doença do Portela — mas ao seu comedimento no que se refere ao emprego de novas fórmulas se alia uma técnica que se impõe como decantadamente pessoal.

Decantadamente pessoal e vibrante de comunicabilidade, «O hóspede de Job» é um livro difícil de esquecer.

LUÍSA DUCLA SOARES